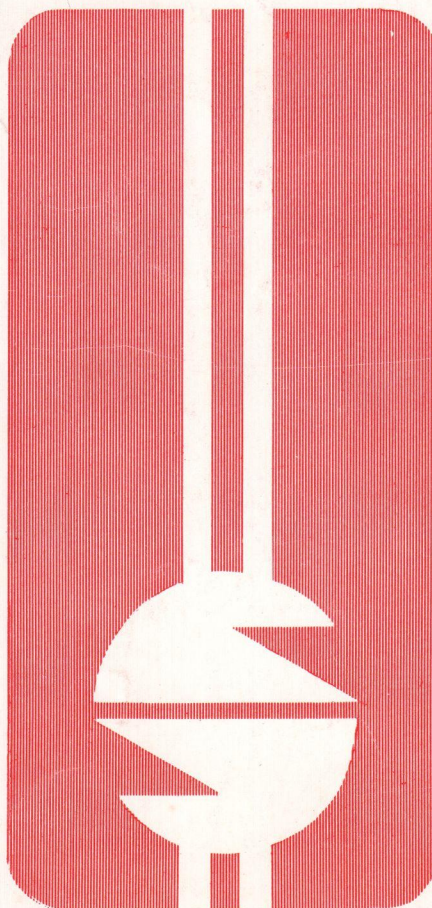


Faculdade
de Ciências Econômicas
UFRGS

análise econômica

nesta edição:

- **PIERO SRAFFA: 1898 - 1983**
Nicholas Kaldor
- **A BUSCA DOS
FUNDAMENTOS,
SEM CHOQUES**
Yeda Rorato Crusius
- **ESTADO E ACUMULAÇÃO
DO CAPITAL**
Paulo Nakatani
- **ABASTECIMENTO
ALIMENTAR
BRASILEIRO**
Edgar Irio Simm
- **POLÍTICA
RIOGRANDENSE NA
REPÚBLICA VELHA**
Céli Regina J. Pinto



REITOR: Prof. Francisco Ferraz

DIRETOR DA FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS:

Prof. Edgar Irio Simm

VICE-DIRETOR: Prof. Walter Meucci Nique

CHEFE DO DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS:

Prof. Ernani Hickmann

CONSELHO EDITORIAL:

Prof. Pedro Cezar Dutra Fonseca (Presidente)

Prof. Achyles Barcelos da Costa

Prof. Carlos Augusto Crusius

Prof. Claudio Francisco Accurso

Prof. Edgar Augusto Lanzer

Prof. Ernani Hickmann

Prof. Juvir Mattuella

Prof. João Rogério Sanson

Prof.^a Maria Imilda da Costa e Silva

Prof. Nali de Jesus de Souza

Prof. Nuno Renan L. de Figueiredo Pinto

Prof.^a Otilia Beatriz Kroeff Carrion

Prof.^a Yeda Rorato Crusius

Prof. Paulo Alexandre Sphor

Prof. Roberto Camps Moraes

FUNDADOR:

Prof. Antonio Carlos Rosa

ANÁLISE ECONÔMICA publica dois números anuais nos meses de março e novembro. O preço da assinatura para 1987 é Cz\$ 60,00, a ser pago através de cheque nominal para "Faculdade de Ciências Econômicas – UFRGS". Aceita-se permuta com revistas congêneres. Aceitam-se, também, livros para elaboração de resenhas ou resenhas.

Toda a correspondência, material para publicação, assinaturas e permutas devem ser dirigidas a:

Prof. PEDRO CEZAR DUTRA FONSECA

Revista Análise Econômica

Av. João Pessoa, 52 – 3.^o andar

90.000 – Porto Alegre (RS) – Brasil

PIERO SRAFFA - 1898/1983*

NICHOLAS KALDOR

Piero Sraffa foi uma das mais extraordinárias personalidades de Cambridge, onde viveu de 1927 a 1983. Isto, pelo menos era o que pensavam aqueles que o conheceram, sobretudo os docentes da Faculdade de Economia e os membros dos "College" que pertenciam ao King's e o Trinity¹. Sraffa possuía uma rara combinação de qualidade: era um estudioso compenetrado e ao mesmo tempo um original e brilhante pensador; possuía um excepcional campo de conhecimento, muito além do âmbito da sua profissão; era um apaixonado por livros raros e não cansava-se de procurar nas velhas livrarias da Europa e por duas vezes conseguiu, a primeira na Itália e a segunda na Inglaterra, a montagem de uma excepcional biblioteca de livros raros. Falava com desenvoltura quatro idiomas. Mas sobretudo era uma pessoa fascinante que possuía o raro dom da amizade e soube atrair para si muitas pessoas de grande talento, seja na Itália como na Inglaterra, como Antônio Gramsci, J.M. Keynes, Ludwig Wittgenstein, Raffaele Mattioli, entre outros. Espírito astuto e personalidade forte, intervia nas discussões com comentários imprevisíveis. Possuía também a rara qualidade de inspirar o interlocutor, simplesmente escutando com olhos atentos; além da indiscutível qualidade que consistia em fazer sentir aos amigos que na sua presença cada um dava o melhor de si; assim os deixava com a sensação que fossem mais inteligentes, mais astutos,

*O texto desse artigo em inglês será publicado no "Annual Proceedings" da British Academy. Desejo agradecer ao Prof. Alessandro Roncaglia da Universidade de Roma, por ter-me assinalado algumas impressões contidas na primeira versão. Este artigo foi traduzido pelo Econ. Renato Batista Masina do IEPE/UFRGS e o original em italiano encontra-se na revista Moneta e Crédito - setembro 1986.

1 - No King's Sraffa nunca teve uma "Fellowship", mas desde o seu primeiro encargo tinha direito a um acento na mesa dos Fellows ("high table rights"), e a partir do momento que fazia as refeições no King's era tratado como um membro do College, cercado particularmente por pessoas próximas a Keynes que foi administrador (Bursar) do College até o início da guerra. A seguir Sraffa obteve uma "Fellowship" no Trinity, substituindo em 1939 o Prof. O.H. Robertson, que, após ter lecionado por muitos anos economia aos estudantes do Trinity polemizando com Keynes, aceitou uma cátedra na London School of Economics.

ANÁLISE ECONÔMICA

ANO 5

N.º 8

MARÇO/87

p. 3-23

mais eloqüentes e mais interessados do que eram normalmente.

Era no conjunto modesto e reservado e jamais procurava demonstrar sua superioridade esmagando numa discussão um adversário. Tudo isto, além de um aspecto atraente, dava a Sraffa um atrativo que infelizmente foi desaparecendo nos últimos quatro a seis anos de sua vida, desencadeada, por uma prolongada doença que provocou um progressivo enfraquecimento de suas faculdades mentais. Seu fascínio, seu espírito, seu modo de ser eram uma superestrutura que não teriam feito de Sraffa uma personalidade extraordinária se não fosse acompanhada de um excepcional caráter. Tinha convicções fortes e precisas que correspondiam uma profunda sinceridade e seriedade de propósitos.

Mesmo passando maior parte de sua vida - 57 anos - em Cambridge, quer como docente da Universidade, quer como bibliotecário da "Marshall Library" e após como vice-diretor de pesquisa e, logo a seguir, como diretor dos estudos de economia do "Trinity College", foi sempre fiel a Itália, seu país de origem. Jamais renunciou a cidadania italiana, mas seu relacionamento com a Itália de Mussolini era de total desaprovação, mesmo sabendo que em caso de guerra estava sujeito a um confinamento, pois era cidadão pertencente a um país inimigo; mas, com relação a esta eventualidade, Sraffa estava preparado muito antes do início da guerra. Acompanhava com muita atenção tudo aquilo que acontecia na Itália, através de freqüentes viagens durante as férias, assinando jornais italianos, que lia diariamente com a mesma atenção que lia os jornais ingleses e através do contínuo fluxo de pessoas provenientes da Itália estudantes, professores ou simplesmente turistas que para os quais a possibilidade de um encontro com Piero Sraffa (cujo nome tornara-se quase uma legenda) era um dos atrativos de Cambridge, da mesma forma que o Pátio Central do Trinity ou a Capela do King's. Ficou sempre interessado pelos acontecimentos políticos italianos, não confundindo com os assuntos políticos da Inglaterra. Por todos estes aspectos, considerava-se na Inglaterra não um imigrante, mas um convidado.

Piero Sraffa nasceu em Turim em 05/08/1898, filho de um importante advogado comercialista Angelo Sraffa e de Irma Trivoli, que era descendente de uma distinta família piemontesa de origem judaica. Angelo Sraffa era um eminente jurista que de 1917 a 1926 foi Reitor da Universidade Bocconi de Milão, tendo anteriormente lecionado direito comercial em diversas universidades italianas. Isto explica em parte porque Piero estudou em Parma, Milão e parte na sua cidade Turim onde graduou-se em Direito em 1920, discutindo com Luigi Einau-

di² uma tese sobre a inflação italiana durante e depois da guerra.

O conteúdo da sua tese de conclusão de curso mostrava que os interesses iniciais de Sraffa eram análise dos problemas de seu tempo, no campo da economia monetária e bancária, mais do que pelos princípios da teoria econômica. Isto é evidente também nos sucessivos artigos solicitados por Keynes a Sraffa.

Depois de concluir seu curso de graduação, Sraffa veio a Londres passar um trimestre na London School of Economics, como "general research student" e foi nesta ocasião que encontrou Keynes durante uma breve visita a Cambridge. Tinha uma carta de apresentação a Keynes dada por Mary Berenson esposa de Bernhard Berenson famoso estudioso de arte em Florença e que conhecia Keynes desde 1905. Entre outros assuntos, a conversação deve ter tocado nas condições escandalosas em que o sistema bancário italiano se encontrava e a maneira pela qual o governo italiano foi obrigado a intervir para salvar o Banco de Desconto³, mesmo agindo de uma maneira não aconselhável na utilização do dinheiro público. Keynes solicitou para que Sraffa escrevesse um pequeno artigo sobre este caso para publicá-lo no suplemento semanal do "Manchester Guardian" sobre a reconstrução da Europa (suplemento que Keynes era diretor); Piero mandou um artigo que Keynes considerou de nível muito elevado para uma publicação não especializada; foi utilizado como artigo do Economic Journal (jornal que Keynes era diretor) publicado no número de julho de 1922 com o título: "The Bank Crisis in Italy". Foi a primeira contribuição de economia em inglês publicada por Sraffa. Todavia Keynes solicitou ainda algumas laudas para o suplemento do "Guardian" que Piero respondeu; estas discorriam sobre a questão das dificuldades dos principais bancos (particularmente do Banco Comercial) e foram publicados em dezembro de 1922.

Esta publicação apareceu simultaneamente em italiano e em outros três idiomas; assim sendo, enquanto o artigo original (que era fortemente franco e até hostil no seu conteúdo)⁴ não provocou nenhuma

2 – A tese foi publicada na Itália em novembro de 1920 com o título "A Inflação Monetária na Itália durante e após a guerra".) Chamava a atenção para a interpretação do processo inflacionário pelos fatores sócio-políticos; e, sob o ponto de vista de ações de política econômica, sustentava como instrumento a desvalorização de lira em vez da deflação (Naquele tempo tanto na Itália como na Inglaterra era crença generalizada que deveria-se retornar os níveis de paridade existentes antes da guerra)

3 – Tratava-se de um banco que tinha iniciado suas atividades pouco antes do início da guerra, mas que chegou a ter 220 filiais na Itália, número superior a de qualquer outro banco

4 – Apenas para dar uma idéia leia-se a frase final: "mas também estas leis (as leis antimonopolísticas, a legislação bancária e aquelas leis relativas às sociedades de responsabilidade limitada, etc) não fossem por si só inócuas, que utilidade poderiam ter pois até mesmo o Governo é o primeiro a transgredi-las sob a proteção de um bando de homens armados ou de um grupo de temerários financistas 2" Economic Journal, junho de 1922 p.197.

reação; mas o segundo artigo foi levado ao conhecimento de Mussolini (que há dois meses tinha assumido o cargo de Primeiro Ministro). Este, em um telegrama enviado ao pai, de Sraffa, qualificou o artigo como um “ato de simples e puro derrotismo nas relações do setor bancário e de verdadeira sabotagem às finanças italianas”; com veladas ameaças solicitou que Piero escrevesse no mesmo jornal retratando-se das afirmações publicadas anteriormente. De acordo com correspondência de Sraffa a Keynes, Mussolini escreveu que o “fato de ser socialista não o autorizava a espalhar descrédito sobre as instituições financeiras italianas advirto que me reserve o direito de exigir através de outros meios um resumo bastante preciso dessas ações difamatórias”⁵. O pai de Sraffa respondeu em nome do filho “o artigo em questão era uma pura e simples apresentação dos fatos e dados que eram de domínio público, e que jamais foram contestados e que Piero nada tinha a acrescentar ou modificar e que portanto não podia atender o pedido de escrever um outro artigo. “Formalmente Mussolini não reagiu mas certamente informou às autoridades inglesas que Sraffa “era um radical perigoso”. Não dispomos de provas à respeito, mas nesse sentido podemos considerar o tratamento dado a Sraffa pelo consulado inglês de Milão e, pelo contrário como vemos, o tratamento dado alguns dias após pelas autoridades imigratórias de Dover.

Keynes, conhecendo as reações de Mussolini pelo artigo do Guardian, escreveu a Sraffa em 09/01/1923, convidando-o a passar uma temporada na Inglaterra onde “poderia conseguir um adequado trabalho”. Em 13 de janeiro Sraffa respondeu que estaria feliz em poder voltar à Inglaterra, mas que no momento não poderia fazê-lo, pois o Banco da Itália o ameaçava de processá-lo e, neste caso, deveria ficar na Itália para fazer sua própria defesa. Mas como o referido Banco renunciou em levar avante o processo por falta de elementos comprobatórios, Sraffa começou os preparativos de sua viagem à Inglaterra: obteve das autoridades italianas um novo passaporte em 20 de janeiro e visto do consulado inglês no dia 22, chegando a Dover no dia 26. Mas lhe foi negada a entrada na Inglaterra baseado no artigo 1 (3)g da lei relativa aos estrangeiros (Aliens Act), isto é, como Sraffa descobriu em seguida, foi por ordem especial dada pelo Secretário de Estado. Foi detalhadamente interrogado pelos agentes de emigração sobre suas ligações com os bancos italianos, o fascismo e suas relações com Mussolini. Logo que Keynes tomou conhecimento desses acontecimentos escreveu uma carta a J.C.C. Davidson então Secretário parlamentar privado do Primeiro Ministro, explicando a situação e obser-

5 – Consta numa carta de Sraffa escrita a Keynes no Natal de 1922 e conservada nos Keynes Papers na Marschall Library

vando que “certamente não cabe ao nosso Ministério do Interior curvar-se diante dos mais vergonhosos disparates de Mussolini”⁶

Todavia foi necessário esperar que o governo trabalhista assumisse no ano seguinte para obter a suspensão definitiva do procedimento. Durante este período os interesses científicos de Sraffa afastaram-se da análise dos problemas do tempo e da economia monetária para as questões mais fundamentais ligadas a teoria do valor. Esta modificação de atitude está certamente relacionada com o início no após guerra da amizade de Sraffa com Antônio Gramsci, com o qual Sraffa encontrou-se pela primeira vez em 1919⁷ Gramsci era sete anos mais velho do que Sraffa e era um pensador brilhante e uma forte personalidade; ele exerceu uma influência duradoura sobre o desenvolvimento do pensamento de Sraffa e, como vou afirmar logo a seguir, entre eles nem sempre havia uma completa concordância, Sraffa jamais pertenceu a qualquer partido político, nem do partido socialista e nem do partido comunista fundado em 1921 por Gramsci e outros companheiros, porque não estava disposto em aceitar qualquer vínculo à sua liberdade de pensamento. Todavia acompanhou de perto as atividades do amigo, dando numerosas contribuições à revista de Gramsci “L’Ordine Nuovo”, escrevendo breves artigos sobre temas de economia e fazendo traduções do francês e do alemão. Mas o resultado mais importante foi que Sraffa conseguiu avaliar os acontecimentos contemporâneos e as tendências da cultura através de seus efeitos sobre a luta de classes.⁸⁻⁹

Uma das primeiras ocupações de Sraffa foi na Prefeitura de Milão, onde organizou um banco de dados sobre o mercado de trabalho, demitindo-se com a ascensão do facismo ao poder. Em novembro de 1923, tornou-se professor responsável pelas disciplinas de Ciências das Finanças e de Economia Política da Universidade de Perugia. Três

6 – Carta de 29/01/1923, Keynes Papers, King’s College Library

7 – Sraffa foi convocado em 1917, mas não chegou ir à frente de batalha. Mas como estava convocado em período de guerra, pode realizar seus exames universitários na Faculdade de Direito, sem assistir às aulas.

8 – Uma carta de Sraffa a Gramsci com o título “Problemas de hoje e de amanhã”, foi publicada em “L’Ordine Nuovo” juntamente com a resposta de Gramsci no número 1-15 de abril de 1924. A carta de Sraffa enviada a Gramsci com a sigla “S”, convidava Gramsci, e por seu intermédio o partido comunista italiano, juntamente com os partidos burgueses de oposição, fazer uma frente única de oposição contra o facismo e pela luta pela volta da democracia. Gramsci respondeu num tom muito duro, rechaçando a posição comunista-ortodoxa daquele período, que era a de não ter nenhuma ligação com a burguesia. (Todavia, no fim de sua vida Gramsci lançou um apelo pela aliança contra o facismo de todos os partidos democráticos)

9 – Após a prisão de Gramsci em 1926, Sraffa deu ao amigo toda a assistência possível. Deu sua ajuda através de Tatiana Schucht, cunhada de Gramsci, enviou-lhe regularmente livros e revistas e teve participação importante estimulando a feitura dos “Quaderni dal Carcere”. Sraffa tentou inúmeras vezes a liberação de Gramsci e agiu através dos seus amigos comunistas que ainda estavam em liberdade.

anos após, a partir de março de 1926, obteve a cátedra de economia em Cagliari, onde lecionou dois anos acadêmicos 1925/6 e 1926/7. Solicitou demissão, renunciando à cátedra no início da década de trinta, fugindo à obrigação de jurar fidelidade ao regime-facista. Após a queda do regime, a cátedra lhe foi devolvida.

Seus interesses mudaram após sua amizade com Gramsci e também por uma nova orientação política. Abandonou suas anteriores preocupações pelos aspectos institucionais da moeda e do sistema bancário, as causas da instabilidade do valor da moeda¹⁰, voltando-se para os problemas mais abstratos ligados à teoria do valor. Mesmo que suas diretrizes eram indiscutivelmente ligadas com a teoria do valor do trabalho de Ricardo, da escola clássica inglesa e com os sucessivos desenvolvimentos da teoria de Marx, Sraffa reconsiderando a doutrina econômica ensinada na época nas universidades italianas e que em grande parte era o resultado da influência de Pantaleoni, o qual tinha elaborado um tipo de combinação entre economia e economia neoclássica (vale a dizer de Ricardo e dos marginalistas da geração posterior a 1870) implícita no método “dos equilíbrios parciais” de Marshall tornando-se a ortodoxia aceita nas universidades inglesas (pelo menos na maioria dos casos).

Os resultados dessa pesquisa apareceu em um longo artigo publicado em 1925 nos “Anais de Economia” sob o título “as relações entre custo e quantidade produzida”. O principal objetivo desse artigo era a tentativa de demonstrar que os preços eram determinados pela interseção das curvas de procura e oferta coletivas para cada mercadoria, tomando-se como dados os preços das outras mercadorias, etc. e que a curva de oferta possuía uma natureza diferente de acordo com as condições de rendimentos decrescentes ou crescentes nas quais as mercadorias fossem produzidas. Esta última condição era compatível com a hipótese geral, de concorrência perfeita somente no caso em que os rendimentos crescentes fossem decorrentes exclusivamente de economias externas à empresa, mas internas à indústria, caso que Sraffa considerava praticamente inexistente. A principal conclusão era que a contribuição marschalliana pode produzir resultados coerentes, somente na hipótese de custos constantes (rendimentos de escala constantes e concorrência perfeita no mercado dos fatores); neste caso a “síntese clássica e neoclássica” de Marshall e de Pantaleoni conduz basicamente aos mesmos resultados de escola clássica, o que vale a dizer que os preços são determinados exclusivamente pelos custos de

10 – Nesta primeira fase decidiu traduzir para o italiano o “Tract on Monetary Reform” de Keynes (1923), sendo publicado com o título “Reforma Monetária”, editado por Fratelli Treves em 1925.

produção, enquanto que as quantidades produzidas dependem da demanda e da utilidade dos consumidores os quais contribuem na determinação da demanda.

AS LEIS DOS RENDIMENTOS EM CONDIÇÕES DE CONCORRÊNCIA PERFEITA

O artigo publicado nos “Anais de Economia” despertou o interesse de Edgeworth ¹¹, que até o final de sua vida continuava a ler todos os trabalhos de teoria econômica que eram publicados em pelo menos doze idiomas. Edgeworth falou que o artigo de Sraffa o havia impressionado e sugeriu a Keynes que Sraffa escrevesse o mesmo artigo, mas mais resumido, para o “Economic Journal”, assim os leitores ingleses que não liam italiano poderiam conhecer sua crítica ao método empregado por Marshal nos Princípios. Edgeworth morreu antes de poder redigir uma proposta concreta. Então, Keynes interveio explicando a Sraffa as intenções de Edgeworth que antes de falecer tinha a intenção de solicitar um artigo para o “Economic Journal”. Sraffa em uma carta de 06/06/1926, responde, afirmando estar muito satisfeito com esta notícia, porque considerava Edgeworth a autoridade máxima sobre este assunto. Ao convite de Keynes respondeu que sentia muito em não poder aceitar o esquema de Edgeworth sobre o artigo solicitado e, na falta, remeteu um resumo bastante amplo com cerca de quatro páginas datilografadas do estudo que havia preparado para o “Economic Journal”. Evidentemente Keynes aprovou o resumo e então Sraffa preparou o trabalho “The laws of Returns under Competitive Conditions”, que apareceu como artigo de capa do “Economic Journal” em dezembro de 1926. ¹²

Existem neste artigo passagens e a sua própria gênese são de difícil entendimento. Mesmo não sendo localizada toda a correspondência, é bastante claro, como referência a data da primeira correspondência que Sraffa enviou a Keynes o resumo do artigo, mesmo considerando a eficiência na troca de correspondência do correio inglês dos anos 20, Sraffa não poderia ter recebido a resposta positiva de Keynes por mais rápida que fosse antes da metade de junho. Admitindo a máxima rapidez nas operações de feitura do trabalho, Keynes não poderia ter publicado o artigo como de capa no “Economic Journal” de dezem-

11 – F.Y. EDGEWORTH (autor de “Mathematical Psychics” e professor de economia política em Oxford) era indiscutivelmente o maior economista de sua geração. Foi o primeiro diretor do “Economic Journal”, fundado em 1891 e sozinho dirigiu a revista nos seus vinte primeiros anos. Em 1912 a direção passa para Keynes, mas o nome de Edgeworth aparece a partir de 1919 como diretor juntamente com Keynes até a sua morte em 1925.

12 – Ver no “Economic Journal” 12/1926 p. 534-550.

bro, a não ser que tivesse conseguido enviar à editora até a primeira semana de setembro. Pois neste período Sraffa estava em Milão e entre receber as provas, corrigi-las e enviá-las a Keynes em Cambridge, levaria no mínimo de duas a três semanas. Hoje um tipógrafo não conseguiria compor, agregar as correções das primeiras provas, preparar as segundas provas, fazer os últimos retoques da versão final do texto, preparar as máquinas para impressão em menos de dois ou três meses podendo levar até cinco ou seis.¹³

Estes não são os aspectos mais estranhos da história de um artigo que terminou sendo um dos estudos mais importantes do século publicado em revista acadêmica no campo da teoria do valor e dos preços. Foi escrito em inglês corrente, límpido e preciso, num estilo acadêmico elegante, sem nenhuma frase ou adjetivo supérfluo. Relendo hoje, sessenta anos após sua publicação, representa ainda um artigo íntegro e chama a atenção pela sua perfeita linha de exposição e pelos numerosos aspectos do problema e pela originalidade e força de suas conclusões.

Depois de uma rerepresentação de suas críticas às técnicas marshallianas e ao uso marshalliano (ou de Pantaleoni), dos conceitos de rendimentos crescentes ou decrescentes na derivação de uma curva de oferta de um bem, Sraffa demonstra que os rendimentos decrescentes não podem ser atribuídos a uma indústria "particular" ou a uma única mercadoria, ao menos que a indústria não seja a única em utilizar um fator particular que está com oferta escassa; o custo de produção de uma única mercadoria não pode aumentar sem que também aumente os custos e os preços de outras mercadorias. Do mesmo modo os rendimentos crescentes devido aos fatores colocados originalmente em destaque por Adam Smith derivam da crescente especialização e divisão dos processos de produção e desse modo não podem provocar efeito apenas num grupo de indústrias (se não até mesmo sobre "todas" as indústrias) simultaneamente. Sraffa conclui que somente os rendimentos constantes (curvas de oferta horizontais) são compatíveis com o sistema de Marshall. Todavia os rendimentos crescentes "são" de fato importantes no setor industrial e, portanto, a típica curva de custo (particularmente a curva de custo de longo período de um produto da indústria) será com grande probabilidade inclinada negativamente, contradizendo a concepção marshalliana segundo a qual preços e quantidades de qualquer mercadoria são determinados em função da posição das respectivas curvas de procura e de oferta.

13 – Normalmente a "Oxford University Press" exige os originais no início de janeiro para garantir a publicação do artigo no número de julho dos "Oxford Economic Papers". Também no caso da "Cambridge University Press" os prazos exigidos não são menores.

A solução apresentada por Sraffa, ou seja, “a falta de indiferença por parte dos compradores de bens em relação aos diferentes produtores” (que pode ter origem entre outras causas “um prolongado uso, conhecimento pessoal, confiança na qualidade do produto, a reputação da marca de fábrica, um símbolo ou nome tradicional”); implica “pelo lado dos compradores que formam a clientela da empresa uma disponibilidade de pagamento, se necessário um pouco mais conseguindo a mercadoria daquela empresa em vez do que uma outra”.¹⁴

Nas cinco páginas seguintes Sraffa desenvolve a teoria da concorrência imperfeita, que na sua maioria contém a mesma análise e as mesmas conclusões que se encontram (desenvolvidas, é óbvio, com maiores detalhes) no livro de Joan Robinson ¹⁵, publicado sete anos depois e no livro contemporâneo de E.H. Chamberlin ¹⁶. Na introdução de seu livro Joan Robinson reconhece em Sraffa sua fonte de inspiração ¹⁷; todavia e somente após ter lido novamente o artigo de Sraffa de 1926 é que se verifica como ele antecipou muitas conclusões e não apenas as hipóteses da teoria da concorrência imperfeita apresentada tanto no volume da Robinson como no de Chamberlin.

Como foi possível que este artigo fosse escrito em dois meses entre a metade de junho (que é a data mais antecipada para o início do trabalho e a metade de agosto (que é a data mais afastada possível para a versão definitiva destinada a publicação) ? É este aspecto o mais misterioso, tanto mais se levarmos em consideração o inglês elegante e perfeito em que o artigo foi redigido, é possível que Sraffa tenha recebido alguma ajuda de um economista inglês para melhorar e “pulir” o estilo.¹⁸ Mas, se isto for verdade, porque não existem agradecimentos a misterioso e provavelmente místico personagem presente em Milão no verão de 1926? Certamente não faz parte do caráter de Sraffa aceitar este tipo de auxílio sem mencioná-lo. Talvez a única possível solução do mistério é que a pessoa que revisou o inglês de Sraffa tenha sido o diretor da revista, John Maynard Keynes, cujo in-

14 – Idem, p. 544-545.

15 – *The Economics of Imperfect Competition*, Macmillan 1933, p. 352.

16 – *The Theory of Monopolistic Competition* de Chamberlin, publicado alguns meses antes do livro da Joan Robinson. Todavia Chamberlin sustenta que grande parte da análise e das conclusões de seu livro já estava representados na tese de PhD, que apresentou na Universidade de Harvard em 19/04/1927 e escrita sobre orientação de Allyn Young durante os anos de 1925/27, antes de ler o artigo de Sraffa.

17 – Ver particularmente, a obra citada p. 3-5

18 – Daquele período existem muitas cartas de Sraffa para Keynes manuscritas que comprovam seu conhecimento da língua inglesa, mas não perfeita, não sendo comparável com o estilo do artigo publicado no “*Economic Journal*”, que honraria qualquer escritor ou filósofo da língua inglesa.

glês era de excelente qualidade além de conseguir trabalhar com grande rapidez.¹⁹

A publicação do artigo de Sraffa provocou de imediato uma reação de admiração e apreço. A melhor comprovação disso é uma carta de Keynes a Sraffa de 25 de janeiro de 1927, da qual conseguimos a segunda via e que vale a pena transcrevê-la integralmente:

“Prezado Sraffa:

Seu artigo publicado em dezembro no Economic Journal foi um sucesso. Com todos aqueles que tive oportunidade de falar concordam em afirmar que com este artigo o Sr. se coloca entre os melhores economistas jovens. Pigou está muito interessado e guardou também o artigo em italiano. É de seu interesse saber que Pigou, após ler seu artigo, está convencido em rever totalmente sua posição.

Com relação a este propósito, existe uma coisa que recentemente pensei e que vale a pena expor-lhe. Não sei como se encontra neste momento na Itália com relação a seu trabalho e se obteve a cátedra em Genova. Se positivo esqueça o que escrevo a seguir. Se pelo contrário as coisas não estão assim, estaria, disposto considerar, caso lhe fosse ofertado um cargo de Professor na Universidade de Cambridge? A retribuição direta e indireta que o Senhor poderia provavelmente contar é de mais ou menos 500 libras, de acordo com a carga horária que o Senhor estaria disposto a lecionar. O tempo de permanência depende exclusivamente de suas preferências. Poderia vir por um ano e depois retornar à Itália ou se preferir poderia permanecer por um período mais longo. Talvez a idéia de abandonar os amigos e ter a preocupação de lecionar uma língua estrangeira podem tornar a proposta pouco atraente. Se assim for, eu o entendo perfeitamente bem. Mas se pelo contrário, um período em Cambridge apresenta alguma atração, por favor, comunique-me. Por favor, entenda que estou falando de uma maneira particular. Mas depois de ter falado com Pigou estou convencido que a Universidade estaria disposta em criar um novo cargo docente para o Senhor, caso Vossa Senhoria estivesse disposto a aceitá-lo.

*Cordialmente,
JMK²⁰*

Professor Piero Sraffa”.

19 – É perfeitamente compreensível que o Diretor não desejasse externar sua contribuição à assistência editorial.

20 – JMK são as iniciais que Keynes tinha como hábito colocar nas cópias de suas cartas as quais eram assinadas no original.

O convite feito a Sraffa, um estrangeiro que não vivia na Inglaterra, para lecionar um cargo docente criado especialmente para ele é uma honraria rara, mas não única no século. O convite feito por Rutherford ao físico russo Kapitza, aquele feito por G.H. Hardy a Ramanujan (um gênio da matemática e que não tinha feito os estudos básicos e estava empregado nos Correios na Índia) de vir e trabalhar em pesquisa em Trinity, foram ambos fatos ocorridos no início deste século. Para encontrar exemplos precedentes é preciso considerar o convite feito ao teólogo holandês Erasmo, para lecionar em Cambridge em 1511, vale a dizer quatro séculos antes.

Sraffa reagiu à proposta de Keynes com grande entusiasmo.²¹ Em uma carta escrita de Cagliari em 06/02/1927 escrevia a Keynes. *"Sua carta me alegrou muito... uma alegria obscurecida apenas pelo receio de não poder exprimir completamente minha gratidão pela sua bondade e gentileza"*. Continuava dizendo que não poderia almejar mais nada além de um cargo docente em Cambridge e esperava que, passando as férias de verão na Inglaterra, seu inglês melhoraria o suficiente *"não certamente para falar um bom inglês, mas pelo menos para me fazer entender"*. Mas era bem ciente de seus limites e *"se considerasse somente as minhas avaliações, oscilaria entre o desejo de ir a Cambridge e o medo de um fiasco, provavelmente seria incapaz de tomar uma decisão"*. Todavia, confiava na decisão de Keynes, o qual não teria feito aquela proposta se não pensasse que Sraffa poderia aceitar aquele desafio, pelo qual, se lhe fosse feita uma oferta, estaria feliz em poder aceitá-la.²²

O cargo de docente foi deliberadamente criado e anunciado publicamente em 30 de maio, pelo Colegiado encarregado da distribuição didática de economia que votou por unanimidade para que Piero Sraffa assumisse a partir de 1º/10/1927 numa primeira instância um período de 4 anos.²³

Keynes comunicou a notícia a Sraffa numa carta de 31 de maio, na qual explicava o que deveria desenvolver (três cursos por ano, equivalente a duas horas semanais de aula nos 3 trimestres). Fez entender que talvez fosse mais fácil para Sraffa dar um curso avançado para um número reduzido de pessoas, como sobre a teoria do valor, um outro sobre a teoria da distribuição e um terceiro alguma coisa mais aplicada como *"Problemas das ciências das finanças no pensamento dos economistas do continente e com referência específica à prática vigente nos países continentais"*. O aconselhava em escolher rapidamente,

21 – O original encontra-se nos Keynes Papers na Marshall Library

22 – Carta escrita de Cagliari em 06/02/1927, arquivada na Marshall Library

23 – A ata da reunião como a lista dos presentes e votantes encontra-se na Marshall Library

pois assim, os títulos de seus cursos poderiam ser publicados no Boletim da Universidade, mas acrescentava que “não haveria problema se deseja mudar de idéia na última hora, ou substituir alguma coisa” Keynes conseguiu também alojamento nas dependências do College, em seguida procurou apartamento no segundo andar de um edifício do College reservado aos “Fellows” (27B St. Edward’s Passage), e que estava localizado bem próximo ao College e onde Keynes residia num apartamento do primeiro andar, quando passava o fim de semana em Cambridge com a esposa Lydia.²⁴

Keynes conseguiu que Sraffa tivesse acento na mesa dos “Fellows no King’s (e também o direito de usufruir a Sala Comum (“Senior Combination Room”). Pois Sraffa todos os dias fazia as refeições no College, escolhendo sempre que possível as mesmas coisas²⁵, em pouco tempo tornou-se uma das personagens mais populares do King’s, mesmo se formalmente foi nomeado membro do College somente em 1930, sem nunca ter sido Fellow. Esta situação durou até que Sraffa foi convocado em 1939 em aceitar uma Fellowship no Trinity College, onde depois que D.M. Robertson, aceitou uma cátedra no London School of Economics - tinha sido liberada uma vaga para o curso de economia. Depois da morte da mãe no final da guerra, Piero mudou-se para o Trinity, morando nas dependências do Neville’s Court e fazendo as refeições também no College. A este tipo de vida estava perfeitamente adaptado e em sinal de gratidão, deixou todo o seu pequeno patrimônio e a sua riquíssima biblioteca ao Trinity College.²⁶

Em Cambridge Sraffa era muito bem quisto no círculo dos amigos de Keynes e era membro do “Cambridge Circus”, um grupo de discus-

24 – Isto aconteceu em 1937, com a morte do pai de Sraffa; então Sraffa levou para a Inglaterra sua mãe (que falava bem inglês) e com quem viveu muito bem. Lydia Keynes tornou-se grande amiga da mãe de Sraffa e quando estava em Cambridge, sempre a visitava.

25 – Como Keynes escreveu a Lydia, Sraffa comia regularmente duas vezes por dia e sete dias por semana, torta de maçã gelada com nata.

26 – Mesmo sendo filho de um advogado rico, Sraffa conseguiu levar da Itália apenas uma pequena parte do patrimônio do pai. Não gostava do jogo arriscado e não especulava na Bolsa, não tanto por uma questão de princípio, mas porque estava convencido que termina-se necessariamente perdendo os ganhos obtidos. Seu princípio fundamental era de saber esperar o momento oportuno em que era absolutamente certo, que através da especulação se poderia ganhar muito, investindo tudo o que se dispunha naquele negócio. A ocasião que parecia satisfazer estes princípios, apresentou-se durante a guerra, quando os preços dos títulos japoneses caíram a um nível muito baixo cerca de 5 a 10% do valor nominal ou pouco mais de 1 ou 2%, se forem levados em consideração uma estimativa do valor dos juros não pagos. Sraffa estava convencido que qualquer que fosse o desfecho da guerra, os japoneses teriam honrado todas as dívidas contraídas no exterior, fossem ou não obrigados a fazê-lo. Desta forma investiu todo os seus recursos na aquisição de títulos japoneses, depois de um acurado exame daqueles títulos mais desvalorizados. Deve ter ganho mais ou menos 40 ou 50 vezes o que investiu, pois depois da guerra o Japão começou a pagar os juros sobre a dívida pagando também os juros acumulados durante os anos da guerra (o Trinity College estimou que Sraffa deixou em 1983 valia em torno de um milhão e meio de libras, metade desse valor correspondia a sua biblioteca).

sões sobre assuntos que hoje denominam-se de “problemas de macroeconomia” que levavam a Keynes as opiniões emergentes em torno das causas da insuficiência da demanda efetiva e do desemprego e, que as vezes, se concentrava em problemas específicos sobre os quais Keynes solicitava opinião²⁷. Sraffa, que deve ter sido um crítico preciso e como visualizador de arrecifes” no raciocínio, permaneceu substancialmente cético em relação aos conceitos fundamentais e na aplicação da Teoria Geral.

Sraffa também tornou-se amigo do filósofo austríaco Ludwig Wittgenstein, o fundador da filosofia da linguagem, que era Fellow do Trinity e em seguida tornou-se professor de filosofia da Universidade. Encontravam-se regularmente todas as tardes para um passeio e entabulavam longas discussões, no momento Wittgenstein estava preparando seu segundo livro “Ricerche Filosofiche”, no qual modificou substancialmente a posição inicial apresentada no primeiro livro, “Tractatus Logico-Philosophicus”. Na introdução do seu segundo livro, Wittgenstein reconheceu com generosas palavras o contínuo interesse de Sraffa por problemas filosóficos e sua interminável disponibilidade para discussões. A este estímulo – são palavras de Wittgenstein – eu devo as idéias mais importantes desse livro”.

Um dos aspectos do caráter de Sraffa, do qual ainda não falei, era a sua incrível timidez de falar em público, seja diante de um pequeno grupo de amigos ou de conhecidos da “Combination Room”, seja diante de um público mais amplo numa aula, não obstante, segundo cada critério “externo” suas aulas tinham amplo sucesso. De acordo com as recordações daqueles que o tinham assistido, Sraffa possuía o dom de suscitar perguntas do público e de induzi-lo aos debates. (A mesma inibição estava presente também na maneira de escrever; Sraffa somente conseguia expor suas idéias no papel após prolongadas esperas)²⁸.

Isto o tornava um atento ouvinte, mas significava também que muito sofria por ter que dar aula em público e, sempre prometia a si mesmo que controlaria este aspecto de sua personalidade, mas jamais o conseguiu. Assim, Sraffa, passou o verão de 1927 preparando as aulas para o outono, mas quando estas estavam para começar, solicitou licença no primeiro ano para melhor preparar as aulas em inglês. A licença foi-lhe concedida e Sraffa desenvolveu regularmente seus cur-

27 – Para maiores detalhes do “Cambridge Circus” veja-se *Collected Writings* de J.M. Keynes Vol. XIII p. 337-342. Pertenciam ao “Circus” (poucos estudantes meticulosamente escolhidos, Richard Kahn, Joan e Austin Robinson, Piero Sraffa e James Meade que tinham deixado Oxford, por um ano sabático.

28 – Foi uma pergunta de Sraffa que convenceu Wittgenstein que linguagem e realidade não possuem necessariamente em comum a mesma forma lógica.

nos anos 1928/29 e 1929/30. Todavia em 1930 a "repulsa" pela docência tornou-se muito acentuada e Sraffa foi a Keynes dizendo que desejava solicitar demissão do cargo de professor e voltar para a Itália. Keynes que era muito ligado a Sraffa não desejava que Piero fosse embora e rapidamente criou dois novos trabalhos os quais, anos mais tarde, foi agregado mais um. Um era o cargo recém criado de bibliotecário da Marshall Library, que era trabalho para Sraffa dada a sua qualidade de bibliotecário. O segundo era o de responsável pela edição das obras de Ricardo que a Royal Economic Society desejava publicar. O terceiro era de assumir o recém criado cargo de Assistente do Diretor de Pesquisa, vale a dizer, a supervisão geral das atividades de pesquisas dos estudantes.

A PUBLICAÇÃO DAS OBRAS DE RICARDO

A Royal Economic Society, decidiu em 1925 publicar uma edição, inteiramente nova das obras de Ricardo. A tarefa de conduzir a publicação foi dada de início a T.E. Gregory da London School of Economics que após cinco anos abandonou a tarefa em função das inúmeras atividades profissionais.

De acordo com a programação inicial de Keynes, Sraffa estava em condições de editar em um ano o primeiro volume, da nova edição dos Princípios; em alguns anos os outros volumes estariam prontos completando toda a edição. Mas Keynes fez seus cálculos sem levar em consideração a extraordinária qualidade de Sraffa, sua paixão pela precisão e pelo rigor científico, sua paciência em descobrir e perseguir indícios e pistas que levariam a descoberta das causas exatas ou da exata natureza do acontecimento que tinha dado origem às modificações sucessivas dos Princípios ou que iluminava as anteriores afirmações contidas nos "panfletos", nas cartas ou nos discursos parlamentares. Por outro lado, existiam lacunas nas cartas escritas ou recebidas por Ricardo na sua correspondência com James Mill ou na correspondência de Malthus com Ricardo. Na realidade a descoberta mais importante ocorreu somente em julho de 1943 quando C.K. Mill descobriu na casa do sogro, F. Cairnes, em Roheny no condado de Dublin um volume com várias cartas endereçadas a John Stuart Mill na India House, o qual continha todas as cartas de Ricardo escritas a James Mill e um certo número de trabalhos inéditos de Ricardo que estavam em poder de James Mill. Estes achados, particularmente o último, justificam amplamente o atraso de vinte anos da publicação. Como resultado dessa última descoberta, foi necessário recompor as provas de um dos volumes e reorganizar todo o material de dois volumes, com encarte em ordem cronológica das cartas recentemente encontradas. Como Sraffa escreveu na Introdução mais da metade das 555 cartas

de Ricardo reproduzidas na nova edição jamais tinham sido publicadas.

A disposição de estudiosos em Sraffa não esmoreceu com a descoberta de novas cartas e trabalhos de Ricardo. Um esforço ainda maior era exigido de toda a sua habilidade investigadora, no sentido de descobrir a identidade precisa de numerosos personagens mencionados nas cartas e as circunstâncias exatas em que se referiam determinados oradores, (quer no Parlamento ou em outros lugares). Meses de pesquisa, coroados de sucesso, terminavam muitas vezes reduzidos em poucas palavras em uma das inúmeras notas de pé de página do editor.³⁰

Os vinte anos de atraso da publicação "Works and Correspondence of David Ricardo", que deram origem a muitas críticas, resultaram plenamente justificadas quando finalmente surge a edição em dez volumes entre 1951 e 1955 (além de um volume de índices que foi agregado logo a seguir). Esta edição foi aclamada como um monumento exemplar de erudição. Certamente nenhum autor inglês do campo científico ou literário tenha recebido um reconhecimento semelhante, mais de 125 anos após a morte: segundo a opinião de Sraffa, a única obra estrangeira semelhante é a edição alemã das obras completas de Friedrich List, publicada nos anos vinte, fruto de mais de vinte anos de trabalho desenvolvido por um amplo grupo de estudiosos³¹⁻³²

30 – Um belo exemplo de romance policial encontra-se no Apêndice do Volume III, e refere-se a identificação do, várias vezes citado, "Mr. of the Bullion Report", que é descrito como "Continental Merchant". Trata-se do personagem sem nome que testemunha diante da Comissão Parlamentar e cuja testemunha é publicada com a proteção do anonimato, um uso bastante contrário à prática parlamentar. Sraffa o identificou como o Mr. John Parish que foi enviado do governo inglês junto ao Imperador da Áustria dando a este conhecimento, superando o bloco continental do restante do subsídio que o governo inglês havia concedido à Áustria. A imprensa foi habilmente conduzida por Parish que "reciclava" o dinheiro muitas vezes através dos mercadores-banqueiros de Hamburgo e Berlim. O fato de que "Mr." fosse agente secreto do governo inglês explica porque o Parlamento concordou em proteger seu anonimato, mesmo em desacordo com as regras vigentes.

31 – As enormes inibições que Sraffa tinha de falar em público e escrever trabalhos para publicar (sobre o que já escrevi), constituía um outro sério obstáculo para uma rápida conclusão do seu trabalho; Sraffa não conseguia obrigar-se em pegar a caneta para compor uma versão "definitiva" da Introdução, mesmo quando as idéias que desejava expor já estavam claras em sua mente. O obstáculo foi removido, solicitando o auxílio de M. H. Dobb, o qual tinha qualidades complementares a de Sraffa. Não era um pensador, nem original e nem profundo, mas tinha notável capacidade de exposição, num estilo claro e fluente. Por isso, Sraffa explica no Prefácio geral Vol. I p. x. as Introduções aos Volumes I, II, V, VI foram escritas por Dobb, mesmo sendo as idéias de Sraffa. Isto assume importância particular no caso da Introdução do Volume I, no qual apresenta uma interpretação totalmente nova da teoria do valor de Ricardo.

32 – Um bom exemplo da perseverança de Sraffa como estudioso é o impresso do "An Abstract of a Treatise of Human Nature" aos cuidados de J. M. Keynes e Piero Sraffa (1938), um "pamphlet" que normalmente era atribuído a A. Smith, mas que Keynes e Sraffa que dirigiram a nova edição – descobriram que tinha sido escrito por Hume. Na introdução, que tem trinta páginas, é esclarecida minuciosamente de que maneira nasceu a primeira atribuição e são fornecidas as provas que permitem identificar o verdadeiro autor. (Os três volumes do Tratado tiveram pouca saída e não conseguiram despertar o interesse que Hume esperava. O pequeno "abstract" deveria servir a despertar o apetite do leitor, mas devido a vários motivos Hume não desejava dar conhecimento do verdadeiro autor.)

PRODUÇÃO DE MERCADORIAS ATRAVÉS DE MERCADORIAS

Falta considerar o trabalho que Sraffa considerava o mais importante: a sua contribuição a teoria econômica.

Um aspecto desse trabalho aquele referido ao artigo publicado no *Economic Journal* em 1926, já foi analisado. À luz desse artigo devemos considerar Sraffa como o fundador da teoria da concorrência imperfeita, geralmente aceita como a teoria que abriu caminho para o estudo dos mecanismos de funcionamento da concorrência nos setores não-agrícolas dos sistemas econômicos baseados na empresa privada.

Mas Sraffa não perseguiu este aspecto do seu trabalho (e pelo que me consta jamais citou alguma vez) depois do artigo de 1926. É possível fazer alguma conjectura sobre as razões desse comportamento: as teorias da concorrência imperfeita não podiam dar nenhuma contribuição aos problemas fundamentais apresentados pela teoria do valor que nas mãos dos economistas clássicos, de Ricardo a Marx, possibilitaram a chave para compreender a direção das modificações sociais. A visão clássica do desenvolvimento da sociedade como resultado da interação entre as modificações técnicas que estabelecem de um lado, as modificações nos meios de produção e por outro a estrutura social em classes, a qual é considerada como um elemento variável de resistência ou de retardo, são obviamente as questões fundamentais que o estudo da economia política pode servir para esclarecer.

Estes problemas fundamentais da teoria clássica do valor foram temporariamente obscurecidos da quase universal estabilidade (e relativa tranquilidade) do período vitoriano.

Neste período o crescimento auto-sustentado por sistemas econômicos governados por uma multiplicidade de mercados intercomunicáveis, sem uma direção relevante consentida, deu a impressão a gerações de homens como Marshall ou Pantaleoni que a estrutura institucional da sociedade tinha atingido um estágio de perfeição ou pelo menos um estágio de flexibilidade autodirigida onde a "história" torna-se uma questão do passado, não fazendo parte do presente.³³

O objetivo principal de Sraffa desde o tempo de estudante era a tentativa de resolver as questões básicas da teoria do valor que as controvérsias do século dezanove deixaram sem solução. Num extremo existia a escola ricardiana que considerava o custo do trabalho como o único fator que determina o "valor" dos bens. No outro extremo estava o princípio de Quesnay e dos fisiocratas que consideravam a

33 - Foi o início da primeira guerra mundial que pôs fim a estas condições sobre o fim da "história".

produção como um processo circular: o essencial da atividade econômica é de que os bens são produzidos por outros bens com a “participação” do trabalho, mas o trabalho pode apresentar resultados somente se os bens estiverem antecipadamente disponíveis, isto quer dizer, antes de serem utilizados pelo trabalho.

No pensamento dos fisiocratas franceses, somente a agricultura está em condições de produzir um “produto líquido” ou “excedente”. As outras atividades econômicas conseguem com a nova produção apenas substituir os bens gastos no processo produtivo. Por outro lado, a teoria econômica ricardiana e post-ricardiana na realidade assumia que “cada” produção gera um excedente, pois o cerne de toda a atividade econômica é que o valor dos bens produzidos num período sugere o valor dos bens consumidos no processo produtivo, medindo-se ambos os valores com o mesmo sistema de preços.

Todas as mercadorias são produzidas com bens e trabalho; a relação entre bens e trabalho apresenta grandes variações e o principal problema foi aquele de encontrar uma regra que levasse em consideração de forma correta as diferenças na participação relativa dos bens no custo de produção. Smith e seus seguidores, na divulgação da teoria do valor trabalho, raciocinavam como se todos os bens pudessem, em última instância, serem reduzidos ao trabalho gasto para a sua produção; desta forma o valor de qualquer bem depende do somatório da quantidade de trabalho direto e indiretamente utilizado. Todavia o problema de uma teoria do valor baseada no “trabalho incorporado” foi sempre de que o custo de produção de bens (esquecendo no momento o rendimento) é resultado de salários e lucros; mesmo que os lucros, na visão clássica, são ganhos devido a “antecipação” dos salários aos trabalhadores, a componente do lucro no custo não é proporcional a componente dos salários como deveria ser necessariamente caso os bens fossem trocados na proporção da quantidade de trabalho por eles incorporados.

Diversos autores procuraram diferentes maneiras de encarar este problema. Alguns, como Marx, declararam que o verdadeiro valor dos bens é a quantidade de trabalho incorporado; todavia, num sistema capitalista, o “valor de troca” será diferente do “valor real” pelo fato de que a parte “não paga” do trabalho terá um peso tanto maior quanto mais longo for o período durante o qual os salários permanecerem não pagos. Ricardo, mesmo considerando verdadeiros os princípios fundamentais da teoria do valor-trabalho, foi obrigado no primeiro capítulo dos Princípios introduzir explicitamente uma série de modificações, baseado nos mesmos a relação entre capital fixo e capital variável, a diferente durabilidade do capital fixo e a duração do período de produ-

ção entram como elementos separados e agregativos na determinação dos valores.

Todavia todos reconheciam o fato de que os salários fossem “antecipados”, para o trabalho criava somente complicações (ou distorções?) se a duração da antecipação variava de um bem para outro. Chega-se assim ao conceito marshalliano que a “expectativa” como um elemento separado e independente, como trabalho adicional na determinação dos valores. Mas esta não é uma solução satisfatória, dado que os custos relativos de produção dos bens variam não somente de acordo com os “pesos” relativos do trabalho e “expectativa”, mas também segundo suas remunerações relativas, isto é, a taxa de salário e do lucro. Retorna assim o velho problema do raciocínio circular que obcecou a teoria do valor desde os tempos de Adam Smith, aquilo que é apresentado quando se explicam os preços em relação a outros preços.³⁴

O interesse de Sraffa em solucionar o problema de Ricardo aparece na década de vinte, quando, segundo o próprio Sraffa, a proposição principal de sua teoria tinha tomada forma, enquanto outras partes específicas, como a noção de bem padrão, o tratamento do capital fixo como caso de “produção conjunta” e a distinção entre produtos “base” e produtos “não-base”, foram agregados na década de trinta e nos primeiros anos da década de quarenta. A exposição sistemática de suas idéias no livro³⁵, que estava sendo preparado desde 1955, derivou de uma grande quantidade de velhas notas, sem muito acrescentar “senão para preencher os vazios que pouco a pouco se acumulavam”³⁶.

A solução de Sraffa para o problema de Ricardo é proporcionada pela construção hipotética de um “bem padrão”, um sistema de produção no qual as diversas mercadorias são produzidas exatamente nas mesmas proporções quantitativas de que são usadas na produção; vale a dizer, um sistema em que a “estrutura do produto” é igual a “estrutura dos meios de produção”. Primeiramente Sraffa demonstra que existe um único meio de transformar qualquer sistema de produção

34 – A resposta dos neoclássicos a este problema consiste em apresentar uma função de produção em termos de trabalho e capital, em que se demonstra que a quantidade relativa dos dois fatores determinam univocamente a sua taxa marginal de substituição. Todavia, isto pressupõe que exista uma maneira não ambígua de exprimir todos os vários bens usuais na produção em termos de uma única grandeza, cujo valor seja independente da relação salários-lucros. Como Sraffa demonstra, o valor agregado de um dado conjunto de bens, calculado pelos preços derivados dos custos de produção, variam necessariamente com a taxa de lucro.

35 – “Production of Commodities by Means of Commodities – prelude to a Critique of Economic Theory”, Cambridge, The University Press 1960 p. 95 e seguintes. (Tradução italiana: produção de bens por meio de bens, Einandi, Torino, 1960).

36 – Idem, idem p. seguintes

real num sistema padrão, multiplicando-se os níveis efetivos de atividade de cada processo produtivo por coeficientes dados, que garantem quais os níveis de atividade assim alterados são aqueles que (globalmente) reproduzem os diversos bens exatamente nas mesmas proporções em que são consumidos no processo produtivo do período corrente.

Sraffa demonstra que:

- a) existe um único sistema de preços relativos que garantem a “mesma” taxa de lucro em todos os processos produtivos, mas é um sistema diferente de preços para qualquer taxa de lucro compreendida entre zero e um nível máximo (o nível máximo é idêntico a relação entre “produto líquido” e o valor dos meios de produção calculados com o mesmo sistema de preços);
- b) enquanto um determinado sistema de preços determina assim univocamente o nível dos salários e lucros no produto líquido da economia, sua relação vale apenas para uma determinada taxa de lucro que não pode ser determinada pelo sistema produtivo. Logo a taxa de lucro deve ser dada exogenamente com o objetivo de estabelecer a distribuição entre salários e lucros correspondente a qualquer sistema de produção. Isto significa que a quantidade de trabalho incorporada para qualquer bem e a taxa geral e lucro emergem como duas “co-determinantes” independentes dos sistemas de preços e do nível de salários e lucro de economia. A teoria do valor, trabalho de Adam Smith e de Ricardo, são então, como um caso especial, que é válido somente em relação a uma taxa de lucro igual a zero, mas que constitui o ponto de referência no qual os valores efetivos dos bens serão tanto mais próximos quanto mais baixo for a taxa de lucro.

A principal conclusão da análise de Sraffa é, portanto, que cada sistema produtivo tenha um único sistema de preços no qual a taxa de lucro será igual para qualquer utilização de capital (que é a condição necessária para que o sistema se encontre em “estado de reintegração”); mas este sistema de preços variará quando variar a taxa de lucro. A taxa de lucro jamais poderá ser “derivada” de relações que se estabeleçam dentro do sistema produtivo, deverá ser estabelecida exogenamente. Contrariamente aos princípios tanto da teoria clássica como da teoria neoclássica, o sistema de produção prevalente não é determinado pela relações internas dos sistema de produção.

Todavia Sraffa não considera a “composição do produto líquido” (considera apenas no caso de bem padrão onde esta é, por definição, idêntica aos dos meios de produção), não analisando se ela está sistematicamente relacionada com a distribuição da renda entre salários

e lucro. Se for feita a hipótese de que os salários sejam de qualquer forma “gastos” (ou representados) nos bens de consumo e os lucros sejam de qualquer maneira “gastos” ou representados nos bens de capital (investimentos), a divisão do produto líquido entre bens de consumo e bens de investimento estará em relação unívoca funcional com a distribuição entre salário e lucro.

Logo a indeterminação entre salário e lucro desaparece se for aceito que seja dada a taxa de crescimento ou a taxa de acumulação de capital (que está ligada funcionalmente a taxa de crescimento), desde o momento que este determina a distribuição do produto líquido entre bens de consumo e bens de capital.

A análise de Sraffa demonstra dessa forma que numa economia de mercado, para se determinar o sistema de preços e da distribuição, é preciso aceitar que pelo menos um fator seja dada exogenamente. De acordo com Sraffa é a taxa de lucro do sistema econômico o dado exógeno, mas podemos também tomar a taxa de crescimento ou a taxa de acumulação do capital como fatores dados exogenamente, ou até mesmo a relação lucro/salários. O que não podemos fazer é aceitar a teoria ortodoxa neoclássica e derivar a taxa de crescimento da taxa de acumulação do capital, e esta última, da taxa de poupança do sistema econômico, determinado por sua vez da relação salário/lucro, pois esta relação é indeterminada caso não for conhecida a taxa de crescimento.³⁷

Sraffa propositadamente limita a amplitude do seu livro à análise das propriedades de um sistema econômico em “estado de reintegração” (onde, em outras palavras, no final de cada ciclo reprodutivo, esteja disponível o mesmo conjunto de bens do período anterior). Mas os sistemas econômicos reais jamais estão num estado de reintegração pois empregam bens não renováveis, por exemplo, os minerais. Todavia, isto não significa que o sistema econômico não seja “vital”³⁸, pois o conhecimento humano e a tecnologia não são constantes e o progresso técnico - que poderia ser definido como a descoberta contínua de novos métodos e de novos bens - serve para compensar e mais do que compensar o gradativo esgotamento dos minerais.

É lícito, num primeiro nível de abstração, ignorar o progresso técnico e tomar os métodos de produção como dados imutáveis no tem-

37 - A hipótese clássica de estágio estacionário é um caso particular de crescimento zero. Uma taxa de crescimento igual a zero, também se for compatível com uma taxa de lucro igual a zero e com todo o produto líquido direcionado ao salário, não implica necessariamente este resultado, desde que a função consumo dos detentores do lucro pode ter uma constante positiva, o que resultaria num nível positivo de lucro, mesmo que o nível dos investimentos no produto fosse igual a zero

38 - Idem, p. 5 e seguintes

po. Mas quando são interpretados os resultados do “modelo” é preciso levar em conta os limites impostos por esta abstração.

Independente, da importância que se pode atribuir ao livro de Sraffa no que respeita à formação de uma nova teoria do valor sobre os vestígios da teoria clássica, não pode ocorrer nenhuma dúvida quanto a sua validade como crítica da teoria existente. A demonstração de Sraffa de que a solução da equação e de produção admite um certo grau de liberdade, permitindo que o processo de reprodução em equilíbrio seja compatível com as diferentes divisões do produto líquido entre salário e lucro para qualquer relação entre produto líquido e produto bruto, é um resultado importante que contradiz as implicações, muitas vezes enfatizadas pelas teorias existentes segundo as quais “as dotações relativas dos fatores “determinam” os preços dos fatores”. A demonstração de que o sistema de preços se afastará daquele derivado tendo por base a teoria do valor trabalho, para todos os valores da taxa de lucro maior do que zero, de modo que a teoria está em condições de prever com precisão; é este um importante avanço em relação a teoria de Marx sobre a diferença entre os valores e preços de produção, de acordo com a relação entre capital constante e capital variável. O modelo de Sraffa é talvez o mais próximo do modelo de Von Neumann. Não é mais completo, pois considera o problema das variações na divisão do produto, o que Von Neumann exclue, supondo que os salários sejam dados exogenamente ao nível de subsistência e que o restante do produto seja utilizado para acumulação.

O aspecto estimulante do livro de Sraffa é que com o passar do tempo ele é sempre mais apreciado. Decorridos vinte e quatro anos ele emerge numa posição única no panorama da literatura teórica do pós-guerra.³⁹ A morosidade com que foi reconhecida a sua importância foi em parte devida ao estilo extremamente conciso que, apesar do rigor lógico, não leva em consideração as dificuldades de compreensão do leitor. Mas também é devido em parte a uma incerteza de fundo sobre as quais estão as intenções do autor. Não está claro até que ponto a intenção de Sraffa fosse aquela de apresentar uma crítica sobre os fundamentos da teoria econômica em geral, e até que ponto fosse aquela de construir uma nova síntese do trabalho dos fisiocratas franceses e da economia clássica de Ricardo e Marx, colocando em transparência a propriedade essencial do sistema capitalista.

39 – Algumas das primeiras restrições do livro (por exemplo, M.W. Reder na *American Economic Review*, Vol. 1, p. 688-95), sustentam que o livro não apresentava nada de novo